

A 466886

869.8

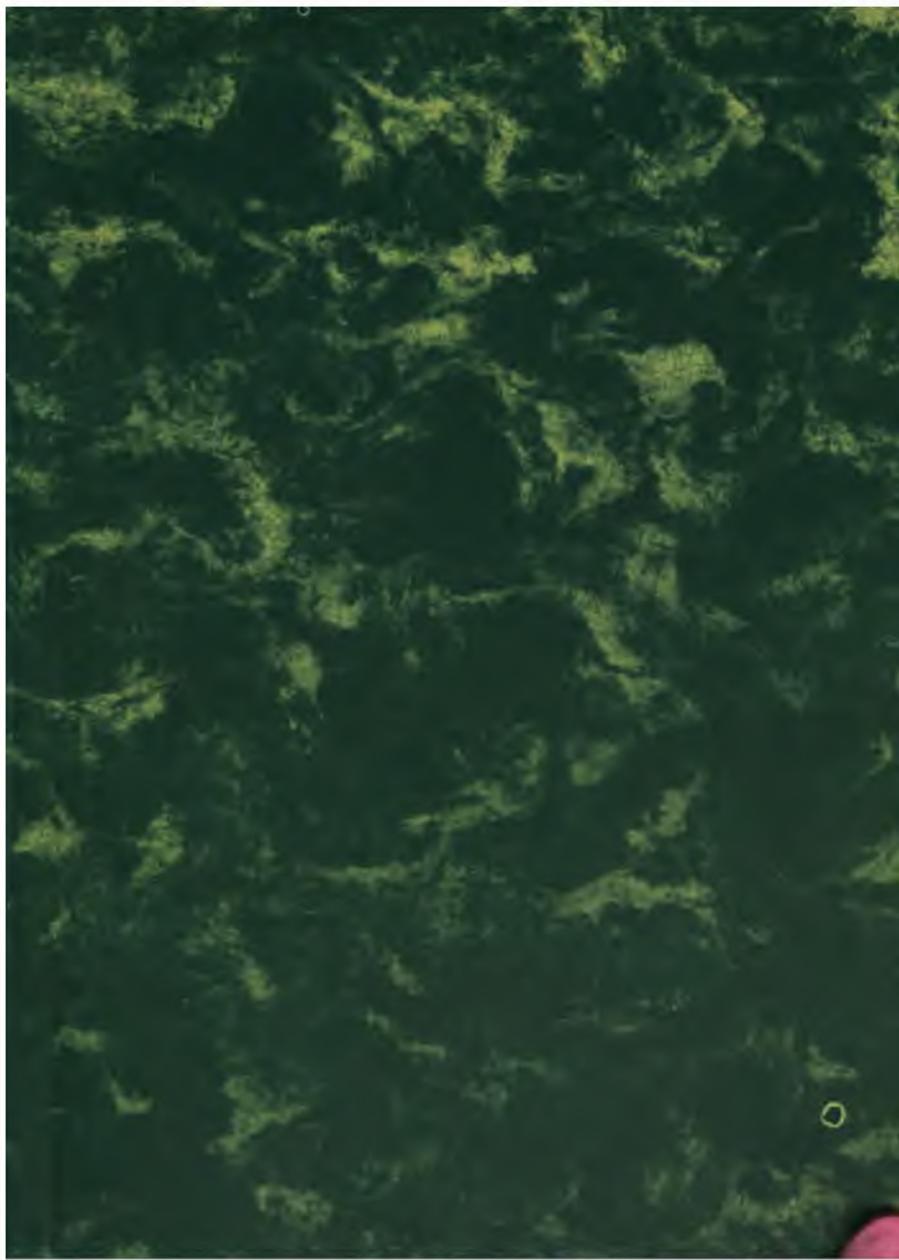
M671hpu

PROPERTY OF

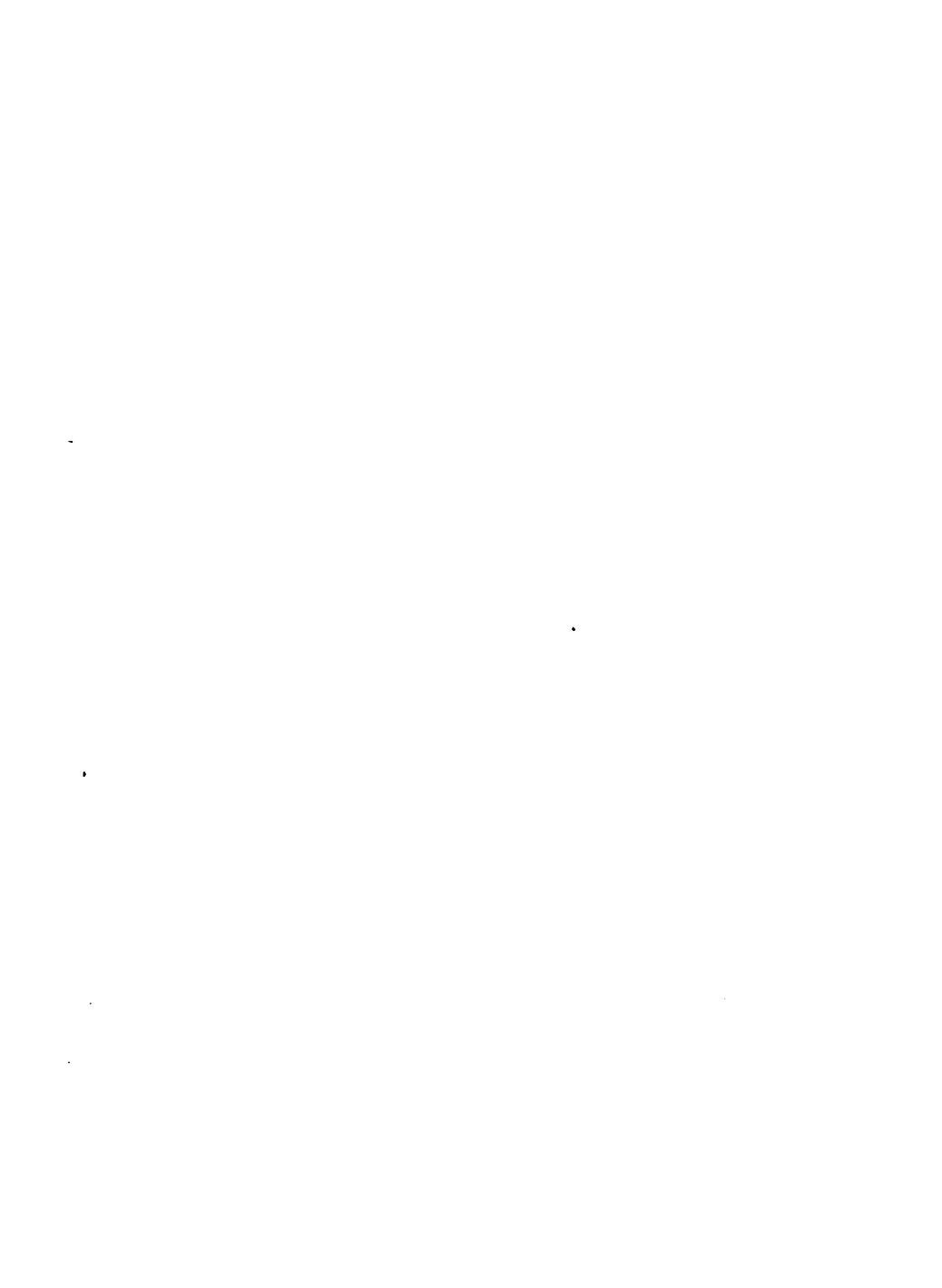
*The  
University of  
Michigan  
Libraries*

1937

*SCIENTIA VERITATIS*









# A HORA DO CRIME

Phantasia dramatica em 1 acto

A PROPOSITO DO ASSASSINATO

DO

# GENERAL PRIM

POR

Francisco Luiz Coutinho de Miranda



LISBOA

TYP. LIVRE—22, RUA DA PADARIA, 22

1871



66922-176 ~~elicitógravação~~ 35,00  
carro de jato tópico sujeito 85,00

## A HORA DO CRIME

 [REDACTED]

# Á HORA DO CRIME

Phantasia dramatica em 4 acto

A PROPOSITO DO ASSASSINATO

DO

# GENERAL PRIM

POR

Francisco Luiz Gauvinha de Miranda



LISBOA

TYP. LIVRE—22, RUA DA PADARIA, 22

1871

500  
MC 7174

## AO PÚBLICO

Nasci n'uma zona em que o sangue dos cidadãos de Lisboa allagou as praças e as ruas da capital.

Foi uma carnificina monstruosa, o 13 de março de 1828!

As guardas nacionais, subidas à traição, foram covardemente espingardadas à ordem dos falsos intérpretes das instituições, que a guarda nacional era chamada a zelar e defender!

Ainda se não sabe ao certo o numero dos martyres d'aquella tremenda hecatombe!

Eram pela rua aos montes os cadáveres dos populares e dos soldados, povo também, sacrificados n'aquelle dia aos caprichos e veleidades do governo pessoal!

E esses homens do povo, e esses guardas nacionais, todas essas victimas inocentes da maldade e da am-

bicão, eram na sua maior parte os valerosos companheiros do duque de Bragança; os que tinham amassado com o seu sangue generoso os alicerces do throne constitucional; os que tinham, pela sua coragem, pela sua dedicação, pelo seu civismo, conquistado para a filha do imperador-rei o throne de Portugal, na longa epopeia que começou na ilha Terceira e terminou em Evora Monte!

Eu não havia ainda nascido; mas creio que minha santa mãe me concebeu então. Vi a luz do mundo em nove de dezembro d'esse mesmo anno, quasi precisamente nove meses depois da tão amplo addicionamento ao livro immenso do martyriologio da liberdade!

Bafejou-me ao nascer o ar das revoluções!

D'ahi talvez a origem das tendencias revolucionarias do meu espirito!

Quasi que o meu primeiro vagido se confundiu com os gritos de dor das victimas da tyrannia!

D'ahi, por certo, o meu amor pelo povo, e o meu horror pelas despotas!

Emballaram-me no berço as descripções detalhadas das acções homéricas dos sitiados do Porto; educaram-me no respeito pelo principio santo da liberdade; desenvolveram-me a razão, encaminhando-me sempre o espirito para as theorias, poeticas e patrioticas, do mais largo desenvolvimento dos feros e regalias do povo!

D'aqui indubitablemente a minha crença sincera e firme na religião democratica!

Mas quem me diria, quando os primeiros alvores da razão começaram a esclarecer-me a intellegencia; quando eu escutava com infantil respeito, no vivo en-

thusiasmo da creança que facilmente se exalta pelas santas doutrinas da liberdade, a descrição singella que meu velho pae me fazia dos sacrifícios e das privações, da fome e dos perigos, do sangue e das viadas, que a liberdade custara; quem me diria, repito, que aquelle honrado velho havia de ser vítima dos falsos sacerdotes da sua religião politica; que eu proprio havia de ser constantemente torturado pelos depositarios infieis do thesouro riquissimo que meu pae ajndara a conquistar para o seu paiz!

E esta é, infelizmente, a verdade!

Tantas cazaas arruinadas, tão ferteis campos tallados, tantas vidas preciosas offerecidas em holocausto à liberdade, de que serviram?

De bem pouco, na verdade!

Em vez da tyrannia, a falsa liberdade!

Em logar do despotismo brutal, mas franco, por que constitua a base do sistema governativo, o despotismo hypocritamente encapotado no manto da liberdade, infamemente roubado à deusa dos povos, pelos falsos lévitas da sua religião!

Em substituição do poder absoluto de um homem, o poder absoluto de muitos, que se dizem responsáveis, e que ainda não fizeram lei que torne efectiva a sua responsabilidade; que deveram ser filhos dos partidos, e que são oriundos de corrilhos e facções, que dão conta dos seus actos a parlamentos immorades e ridiculos, que teem por base a viciação da urna, sanctuario da liberdade, e o principio hereditario no exercicio de legislar, que é um absurdo, ou a fornada, que pode ser um abuso!

E para isto fugiste tu ao lar paterno, meu pae!

E para isto abandonaste a mãe que te estremeceia,  
e a irmã, que se finou, com saudades tuas!

E para isto foste ferido frez vezes em campanha,  
e alcancaste juz a essa medalha que tanto te glorava,  
e que tão pouco vale aos olhos dos ignorantes, e dos  
preversos, que tem deixado crescer espinhos e abro-  
lhos no campo formoso que tu e os teus companhei-  
ros d'armas arrotearam, para as futuras gerações go-  
sarem!

Progresso! Liberdade! Tolerancia!

Termos mentidos! principios falsos! palavras sem  
significação, na pratica desgraçada de governos re-  
trogrados, de ministros libertecidas, de homens que  
só respiram odios, e só aspiram vinganças!

O progresso para elles é a reacção!

A sua liberdade é a perseguição para os que mais  
livremente manifestam a sua opinião política!

Para elles a tolerancia está nas cadeias em que en-  
cerram os adversarios, ou aquelles que, fatigados dos  
seus desvarios, lançam mão do recurso extremo, do  
remedio fatal, da ultima ração dos povos—a revolu-  
ção; principio em nome do qual elles são poder; ar-  
ma de que nenhum d'elles tem deixado de usar, no  
jogo abjecto d'essa política miseravel, em que o paiz  
se tem arrastado ha mais de trinta annos!

Livre manifestação do pensamento!

Pois isto é por ventura principio pratico em Portugal?

Apregoam para ahi uns orgãos da imprensa, que é  
livre, liberrima, a manifestação do pensamento politico!

Mentira!

Poucos como eu podem mais desafogadamente res-  
ponder a uma tal asserção:

—Mentira!

Poucos podem clamar, com mais documentado conhecimento da causa:

Mentira!

Sim, mentira, por que no meu paiz não existe liberdade para a manifestação do pensamento, e eu sou d'isso um exemplo vivo!

Falei uma vez ao povo, dizendo-lhe verdades que elle deve conhecer, e perseguiu-m-me!

Nunca foi alterada a ordem publica nas pacificas reuniões em que escorri a minha voz, e processaram-me!

Exercia um direito que meu paiz me conquistara com o seu sangue, e vi cair na valla humilde do cimiterio, minado de desgostos, louco de rancor, desesperado de arrependimento, o velho hourado que me deu o ser, ao ver-me perseguido e homisiado pelo crime horrendo de falar em publico!

Mais tarde, por que reincidi n'este crime nefando, os miseraveis roubaram-me o emprego, exercido durante muitos annos com honra e zello, no desempenho do qual só recehhera elogios, e nunca censuras, ou mesmo leves admoestações!

E a manifestação do pensamento é livre, liberrima!

Na imprensa o mesmo!

Ainda bem a minha pena não tem traçado um periodo de amarga censura, ou de pungente ironia, contra os que cynicamente antepõem á lei a sua vontade pessoal, e já os escrivães e os juizes, os delegados e os esbirros da justiça andam atarefados em levantar processos, que partam os bicos d'esta pena, que se não dobra á venalidade, e que prefere ser molhada no fel

amargo do calix da perseguição, do que nas amphoras douradas da corrupção, em que innutilisam as suas os jornalistas devassos!

E a manifestação do pensamento é livre, libertíssima!  
Restava-me ainda um recurso!

Descobri um outro campo em que podesse evangelisar a minha idéa querida, sem offensa das idéas de ninguem!

Era o theatro!

O theatro, onde na velha e sabia Grecia se fazia a apologia da virtude política, e se erguia o patibulo moral dos homens publicos menos fieis aos sens deveres de cidadãos!

O theatro, d'onde nos tempos do governo absoluto se dirigia a satyra pungente e a ironia mordaz, contra os que menos presavam a dignidade nacional, e se tornavam reus de lesão patriotismo!

Nem essa tribuna me pôde ser franqueada; e não obstante eu não a busquei sem levar vestido o hábito da decencia; não me preparei para ella sem o mais escrupuloso commendimento na frase; eu não pensei em fazer do palco estatua de Pasquino, nem cruz ignominiosa de nenhum homem publico!

E apesar d'isso conheço que me é deffeso pôr em scena as figuras com que mais sympathise no grande theatro da politica universal!

Vejo que me não será permittido evangelisar á luz civilisadora da rampa as theorias do meu credo politico, como se proclamam ali as theorias scientificas, como se apregoam as doutrinas philosophicas, como se apostolisam os principios humanitarios!

Como se a sciencia, a philosophia e a humanidade

não tivessem intimas relações com a política em geral!

É livre, liberrima; a manifestação do pensamento!  
Mentira! Falsidade! Embuste!

Vi para ali na scena uma peças, alias bem urdiadas, e correctamente escriptas, em que se relatavam scenas, mais ou menos exactas, da guerra barbara que tem assolado a França!

E pensei:

Pois se é permittida a representação de peças, em que os autores se apresentam manifestamente inclinados á causa da França, o que até certo ponto pre-judica a neutralidade do paiz em presença da guerra; por que não ha de alguém, no campo altissimo das generalidades, tratar em these os mais altos principios politicos?

Por essa occasião deu-se o tristissimo episodio da morte de Prim, que foi o fatal epilogo da revolução de Cadix, e o negro prologo da monarchia que o valente general ergueu sobre os destroços da monarchia bourbonica.

Na ignorancia dos pormenores d'aquellea tragica scena, que não honra de certo os que a executaram; servilharam os boatos a respeito da origem do crime.

Uns atribuíam-no aos partidos, outros a individuos despeitados, e alguns em especial ao honrado partido republicano.

Repugnaram-me todas estas hypotheses, e indignou-me a ultima.

Onde está a abnegação, não existe o crime!

Onde vive o amor da patria, não se demora o plano tenebroso de morte, contra uma gloria nacional!

As boccas que proclamam a liberdade para o escravo, e o principio da inviolabilidade da vida humana; não pronunciam a voz de fogo na encrusilhada covarde!

D'estas considerações nasceu a idéa d'escrever o —*A Hora do Crime*.

Tracei-o, esforçando-me por guardar todas as conveniencias.

Puz em acção a idéa democrática; mas sem offensa para ninguem.

Advoguei o principio republicano, em these; sem que em nenhuma hypothese offensiva pudesse ser ferido qualquer dos actores do grande drama tragicofestival, que nos ultimos dois mezes se representou em Espanha.

E li depois o meu modesto trabalho a um amigo consciencioso, conhecedor dos segredos da scena, e habilissimo escriptor dramático, pedindo-lhe a sua opinião franca, sincera, desapaixonada, acerca do meu pobre escripto.

Tive em resposta elogios inmerecidos, que a sua amizade entendeu dever prodigalizar-me, e uma prophecia triste, que me calou todavia no espírito, pela experencia que infelizmente me tem feito conhecer a intolerancia que, altiva e arrogante, domina no meu paiz!

A prophecia foi:

—A sua peça não pode ser representada, porque nenhum empresario, por mais liberal que seja, por mais desejo que tenha de dar ao seu trabalho a justa recompensa que merece, lho porá em scena. O sr. não sabe em que paiz vivemos?

Acordei do lethargo em que me lançara o entusiasmo pela minha idéa!

Conheci que o conselheiro que eu buscára cumpria o seu dever e era leal, porque me dizia verdade!

Resignei-me com a fatalidade que persegue o meu pensamento, quando tenta manifestar-se; e disse comigo:

—É atroz mentira, é pungente ironia, é refalsada falsidade, o princípio que para abi se proclama, asseverando que a manifestação do pensamento é livre em Portugal!

Não ha tal; em Portugal o pensamento vive agrilhado á intollerancia! Só é livre para os que se entregam á politica mesquinha do soalheiro! Em a idéa se alargando pelos vastos horisontes da verdade eterna ha de ir forçosamente responder por ella, como criminoso, ao tribunal ou á cadéa, o que ousou manifestá-la!

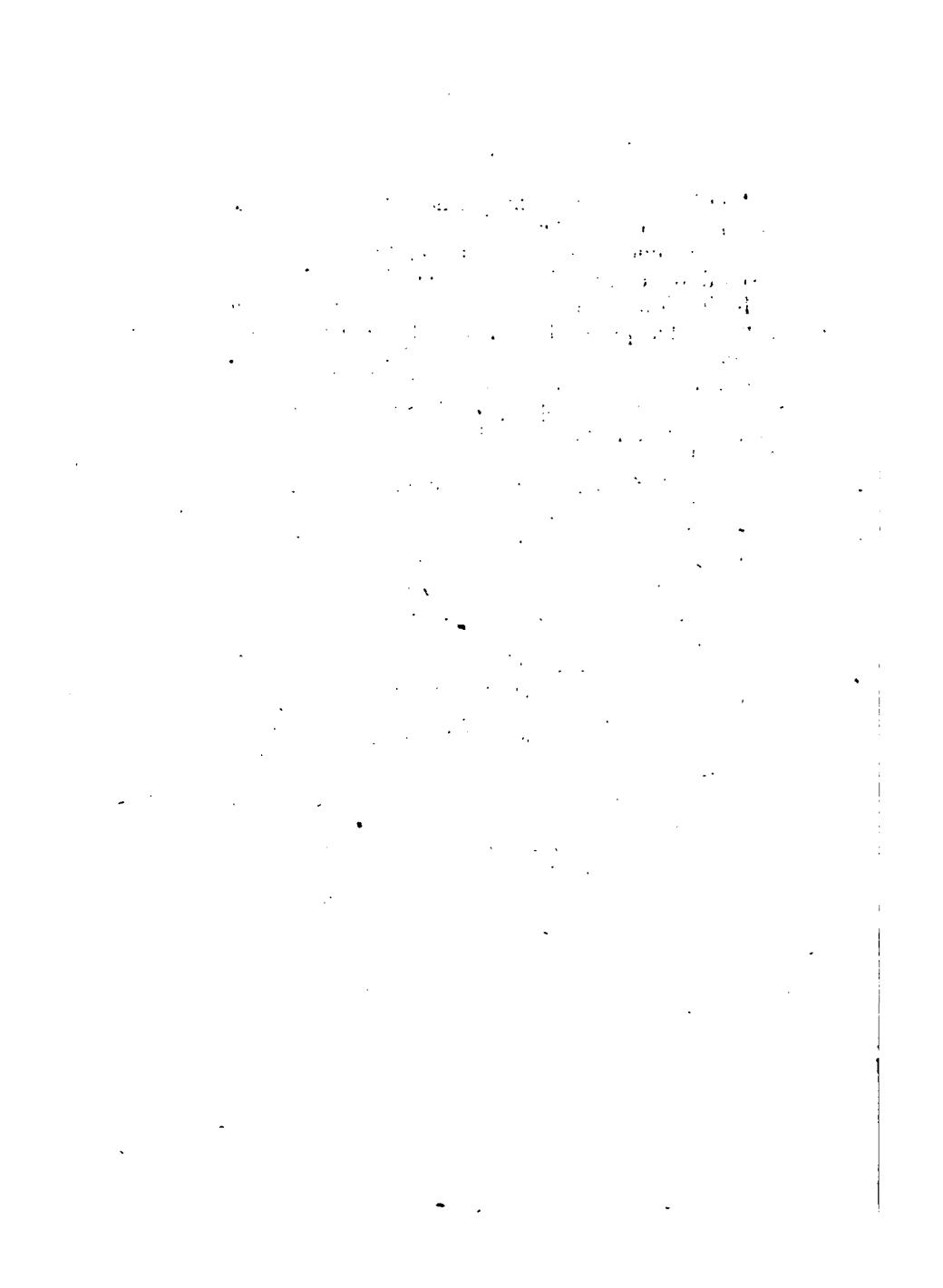
E como é proverbio velho, que—contra a força não ha resistencia; não insisti no intuito, e metti o trabalho no gaveta.

A pedido de alguns correligionarios que o conhecem, dou-o hoje á estampa.

N'esta tribuna não temo as responsabilidades, por que respondo eu pelo que escrevi.

No theatro pode o genio da oppressão embargar-me a voz; mas na imprensa e no comicio ha de ella soltar-se sempre livre e desembaraçada, em quanto m'a não asphyxiarem os algozes da liberdade!





# À HORA DO CRIME

## PHANTASIA DRAMÁTICA

---

### PERSONAGENS

D. Emilio Castellar—chefe do partido republicano hespanhol.  
D. Ramon Viegas | corregionarios de D. Emilio.  
D. Carlos Viegas |  
Martinez—ajudante do general Prim.  
Izabel—filha de D. Ramon e noiva de Martinez.  
Pablo—criado de D. Ramon.  
Corregionarios de D. Emilio

A acção passa-se em casa de D. Ramon, rua de Alcalá, em Madrid, na noite do assassinato de Prim.

---

Salla espaçosa, guarnecidá com modesta elegancia. Porta ao fundo e lateraes. Janella. Ao meio da scena uma mesa e uma cadeira, e aos lados duas ordens de cadeiras.

### SCENA I

Izabel e Martinez

IZABEL

(A Martinez, que se dispõe a sahir) Que precipitação é essa, meu querido?! Não sei o que me vaticina o coração! Desejava que não sahisses hoje d'aqui!

MARTINEZ

Louca! Poucos dias faltam para a realização da tua  
e da minha ventura! Terminadas as festas da coroação  
serás minha esposa à face de Deus.

IZABEL

E se tu não voltares, Martinez? Se os inimigos do  
novo rei, e elles são tantos! empregarem um recurso  
extremo para impedir que elle cinja a coroa e  
empunhe o sceptro de S. Fernando?

MARTINEZ

Que vãos terrores te obsecam o espirito! Ignoras  
acaso que o general cobre Amadeu, e que entrando  
em Hespanha o novo rei sob a egide de Prim, ha  
de chegar incólume, por entre o respeito e o enthu-  
siasmo das multidões, até aos degraus do throno que  
lhe conquistámos em Alcolea?

IZABEL

Eu não duvido do prestígio do teu general, nem  
do valor dos seus briosos companheiros de Cadix,  
que ainda hoje o seguem; mas não creio na boa es-  
trella que os monarchicos devisam onde eu só vejo  
negrura e trevas!

MARTINEZ

(Ancioso) Explica-te!

IZABEL.

Ouço o que dizem meu pae e meu irmão; escuto as palavras dos seus correligionarios politicos que aqui se reunem; conheço as valiosas relações que elles mantem entre as classes populares; sei que é grande a sua dedicação pela republica, que é immenso o seu entusiasmo por ella, que é sublime a sua abnegação, e que todos elles estão dispostos a implantar no solo da patria a arvore frondosa e santa da republica, ainda mesmo a troco dos maiores sacrificios!

MARTINEZ

(Inquieto) Queres tu dizer, Izabel, que os correligionarios de teu pae e de teu irmão estão dispostos... O que ouviste, Izabel?

IZABEL

(Com dignidade) O que eu ouço nas reuniões que se realizam n'esta casa, não l'o digo eu agora, nem l'o direi jámais! Se o amor me prendeu o coração a um monarchico, não me obsecou o espirito a ponto de me fazer trair a causa que a minha familia defende, e que eu reputo santa.

MARTINEZ

(Hesitando) Elles pensam em assassinar o rei?

IZABEL

(Com indignação) Não! Os republicanos não defen-

dêm a inviolabilidade da vida humana para arrancarem covardemente a vida a um homem! Na religião democrática respeita-se a virtude, e condena-se o crime! Os republicanos não pensam em assassinar ninguem, porque o assassinato é um crime!

MARTINEZ

Confesso, porém, que as tuas palavras chegaram a inspirar-me um profundo terror! Tinhas dito ha pouco...

IZABEL

É que os republicanos não são os unicos inimigos do rei! Amadeu tem contra si a má vontade de todos os partidos d'Hespanha; e dos que o repellem, dos que o guerreiam, dos que jámais lhe darão tregos, só os republicanos teem por devisa o horror ao crime, só elles respeitam com dogma o principio da inviolabilidade da vida do homem!

MARTINEZ.

Verás que te illudes!

IZABEL

Oxalá!.. E se fosse só o novo rei que me inspirasse receios por ti! E o teu general?!... Ninguem como elle tem hoje um nome mais brilhante na Hespanha; mas ninguem como elle tem mais irreconciliaveis inimigos entre o povo hespanhol! Prim poz a coroa de

Izabel na cabeça de Amadeu, e nem mesmo os mais encarniçados inimigos da rainha lhe perdoam que elle lhe derrocasse o throno, para edificar sobre as suas ruinas o throno de um estrangeiro!

MARTINEZ

(Sorrindo) Vejo-me obrigado a fechar a sessão! Se te embrenhas tão cegamente no labirintho da politica, pouco tempo te restará para cuidares dos preparativos da nossa festa nupcial! Pença em mim, Izabel; ante-gosa a nossa proxima felicidade, e deixa a meu pae e a seu irmão o cuidado de vellarem pela patria que elles lealmente amam; e de prestarem cultos á religião politica, que tão nobremente professam. (Vae a sair.)

IZABEL

(Detendo-o) Então sempre vaes?

MARTINEZ

Que fazer? (Consultando o relogio) São seis horas e meia... Deve estar a findar a sessão do Congresso, e tenho de acompanhar o general, que parte hoje em minha companhia, e na de Nandin e Moya, para Cartagena, a fim de esperarmos e acompanharmos a Madrid sua magestade Amadeu I.<sup>o</sup>

IZABEL

Vae, vae, meu querido; e oxalá que essa ida

do rei novo me não fira de morte o coração, onde se abriga um tão grande amor por ti! Escreve-me, Martinez; escreve-me de todos os pontos onde descansas! Olha que se me parte o coração n'esta despedida!

MARTINEZ

Socega e espera! Se Deus quiz que nos amassemos tanto, não foi de certo para nos fazer infelizes! (*Abraçam-se.-Martinez sae pelo fundo.*)

## SCENA II

Isabel (só)

(*Triste e encostada á janella*) Socega e espera!... Que tranquilidade ha de existir no peito de uma pobre mulher, que vê quasi a despenhar-se no abysmo metade da sua alma! Que esperança pode abrigar-se-me no coração, se eu vejo Martinez, o meu noivo, o homem que eu amo mais que a minha vida, confrontar indiferente a morte, ao lado d'aquelle pelo qual metade da Hespanha se julga illudida, fazendo parte do sequito do rei que transformou por um—sim—imprudente as esperanças da patria em ilusões e sonhos, que podem amanhã produzir a guerra civil! (*Caindo anniquillada n'uma cadeira*) Oh! que infeliz eu sou! Oh! quão desgraçada serei! Condemnada a viver perpetuamente entre os odios mortaes dos correligionarios d'aquelle que mais queridos me são no mundo! De um lado o receio da perseguição dos monarchicos ao pae e ao irmão que estremeço! Do ou-

tro, o temor da represalia dos republicanos, contra o homem com quem em pouco vou partilhar a sorte, e ao qual de ha muito dei inteiro o coração! Oh fatalidade!

## SCENA III

Isabel e D. Carlos

D. CARLOS

*(Do fundo)* Estás aqui, minha irmã? Não te aborrece esta salla? Não te soffoca a atmosphera que aqui se respira?

IZABEL

Não!

D. CARLOS

Tu, tão nova e tão linda, aspirando o ar tão pesado d'este recinto de conspirações?

IZABEL

Sim!

D. CARLOS

Porque não vaes antes para os teus quartos? Não te é mais agradável a vista risonha do jardim, que tu tratas tão cuidadosamente, do que o aspecto d'esta salla, onde hoje reside o desespero, onde pająra a indignação, onde bata por ventura as azas o demonio da vingança?

IZABEL

Não!

D. CARLOS

*(Preocupado)* Não... sim... não outra vez!... Que tens tu, Izabel?... Respondes apenas por monosyllabos ás minhas carinhosas interrogações?... Que tens tu, minha irmã?

IZABEL

Nada!

D. CARLOS

Nada, e eu vejo-te os olhos pisadest!... Nada, e tu choras!... Desafoga commigo, Izabel!... Teu irmão ainda tem coração para recolher os teus pesares, e amor bastante para te prodigalizar consolações!

IZABEL

*(Com desalento)* Martinez... o meu querido Martinez, parte esta noite para Cartagena, em companhia de Prim, que vae ali esperar o novo rei! Comprehendes agora a rasão dos meus monosyllabos, a causa das minhas lagrimas, origem dos meus pesares?

D. CARLOS

*(Tranquilisando-a)* E que tem isso? O rei vem; mas isso não quer dizer que conseguirá firmar solidamente uma dynastia! Epoca virá, e talvez pouco distante, em que a nação lhe indique solemnemente o caminho da sua patria! Se Martinez vae hoje, como ajudante do general, que se disse democrata no exilio, e que tão mal comprehendeu no poder a sua bri-

lhante posição, esperar o rei que é imposto à nação hespanhola; talvez que em breve, convertido à crença democrática, elle vá, general da república, fazer embarcar no mesmo porto o descairado mancebo, que tão facilmente se deixou fascinar pelo brillantismo de uma corôa, que não é sua, e que de certo é pesada de mais para cabeça tão juvenil!

## IZABEL

*(Com receio)* E se um tiro traíçoeiro, cortando o ar n'um ermo, vier ferir-o, em vez de ferir Amadeu ou Prim?

## D. CARLOS

*(Sorrindo)* Que lembrança! Em Hespanha o partido mais forte é o republicano, por que é aquele que tem mais crentes retemperados na fé do martyrio; e por isso o rei e o general, e todo o sequito de Amadeu, e toda a comitiva de Prim, passarão illesos por entre a indifferença publica! O assassinato é um crime, e os republicanos não ferem o adversario senão no campo convencional da honra, ou no campo franco e aberto da batalha leal!

## IZABEL

Sinto que tens razão; mas sinto tambem que se me comprime o coração nos horrores da duvida; apavoram-me os terríveis presentimentos que me assaltam o espirito!

D. CARLOS

(Offerecendo-lhe o braço) Vem commigo destrair-te.  
 É o amor que te faz delirar assim! Vem commigo!  
*(Izabel dá-lhe o braço, e saem ambos pela porta lateral).*

## SCENA IV

D. Emilio e D. Ramon

D. RAMON

(A D. Emilio—do fundo) É infelizmente assim, meu caro Castellar. Desde que aqueles hespanhoes, menos ciosos da velha dignidade castelhana, votaram-na constituinte um rei estrangeiro, a minha fé continuou abalável; mas a minha esperança no futuro diminuiu consideravelmente!

D. EMILIO

E porque, estimavel D. Ramon?

D. RAMON

Porque o moço inexperiente; mas ambicioso de certo, que imprudentemente trocou o bem estar e socego, pelos espinhos agudíssimos da corôa d'Hespanha, pode ser, um bona rapaz, e é-o decerto; pode possuir um coração bem formado, e creio que o posse; pode mesmo desejar abrir na historia nossa pátria uma era brilhante de benefícios, de liberdades, de tolerancias; mas é rei, e por mais digno que seja

o seu sentir, por mais nobres que sejam as suas aspirações, hão de em pouco transformal-o em tyranno, em despota, em liberticida, os aólicos que hão de cercar-lhe o throno, as camariñas que hão de insinuar-se no seu animo para lhe dominar a vontade, os maus cidadãos, enfim, que mais dão rasão de ser ao credo republicano, e que todos os dias, e a todas as horas, e em todos os instantes lhe conquistam adeptos, encaminhando os principes pela vereda fatal do erro, impellindo-os cynicamente para o plano inclinado onde se tem despenhado tantos, tantos!... arrastando consigo as nações cujos destinos dirigiam!

D. EMILIO

Tem rasão em seus receios, D. Ramon; mas não a tem na sua descrença! Mau é que um rei venha matar as esperanças mais fagueiras que o povo hespanhol concebeu, quando, ao grito do triumpho mages-toso da revolução de Cadix, viu cahir a pedaços o throno apodrecido d'essa mulher, que tanto sangue custou á nossa nobre terra! E peior é que esse rei, imposto á livre e orgulhosa Hespanha, seja um estrangeiro! O nosso proverbial orgulho, esse orgulho indomável, que tornou sempre respeitados os cavaleiros filhos d'Hespanha, sente-se ferido de morte na mais vulneravel das suas manifestações! Mas que importa isso? Quanto mais o justo orgulho, a nobre altitude de um povo se sente abatida e humilhada, tanto mais violento é o esforço supremo que deve dar-lhe a desafronta, e com a desafronta a liberdade! Tenha fé no futuro, D. Ramon!

D. RAMON

Fé!... Sei que a sua é viva e sincera, Castellar; não ignoro quanto a patria deve á sua dedicada abnegação e ás suas profundas convicções; sou o mais entusiastico admirador d'esse talento colossal, que assombra a patria, e a Europa, e o mundo; mas sou velho, e na friesa que dão os sessenta annos, e na impossibilidade filha de uma longa experiencia, vejo as cousas por um prisma tristissimo, fatal! Vejo que quando o italiano for o senhor d'este paiz, por mais attivo e orgulhoso que o povo hespahol seja, o jugo ferreiro do despotismo ha de vir em seguida comprimil-o nas cadeias de escravo, e a emancipação da patria ficará por isso longamente addiada, porque as hecatombes e as carnificinas hão de levar o desanimo onde hoje existe o entusiasmo, hão de levar a indifferença onde hoje vive o amor da patria!

D. EMILIO

*(Com gesto sublime)* Basta velho! Que o ancião não pronuncie jámais em presença de correligionarios seus tão eloquentes palavras de deserença! A fé e a esperança são principios religiosos do christão, e devissa inalteravel do democrata! E christãos, e republicanos somos nós, para que aos nesses ouvidos possam chegar a deserença e o desespero, apostolidos por um dos nossos! Reanima-te, nobre ancião! soldado velho da liberdade! evangelis ador sincero da república! O futuro, se não é risonho e festival, não é completamente negro e carregado de nuvens procellosas! A

republica tem feito grandes conquistas no mundo! Na França opéra milagres! na Suissa dá nobres exemplos! na America offerece lição proficua! no nosso irmão e amigo Portugal cria profundas raizes! e até na propria Prussia produz phenomenos, porque ao passo que os exercitos devastadores de autocrata alemão talam os campos verdejantes da bella França, para asphyxiar a democracia, o povo de Berlim, que é povo, e que por isso é nobre, e generoso, e republicano, como todos os seus irmãos no mundo, elege para seu representante ao parlamento o chefe ostensivo do partido republicano d'Allemanha! E é n'esta conjunctura, que a voz auctorizada de um velho respeitável ha de trazer o desalento ao espirito dos valentes campeões da democracia hespanhola?... Não, D. Ramon! O futuro é nosso! Ao triumpho completo da França, e elle hade vir, deve seguir-se o derrocamento dos thronos! A emancipação do povo francez seguir-se-ha a emancipação da Europa! A derrota do tyranno alemão deve necessariamente ser o signal da queda de todos os despotas do mundo!

*(Durante esta fala tem entrado successivamente pelo fundo muitos individuos, e pela porta lateral D. Carlos, que recebe todos com cordialidade e affecto.)*

#### TODOS

Apoiadot... Muito bem!... É assim!...

## SCENA V

Os mesmos, D. Carlos, e os recem-vindos

D. EMILIO.

(Voltando-se para o fundo) Ei!-os, os nossos amigos! Em todos a mesma fé! Em todos a mesma esperança!

D. RAMON

(Aos recem-chegados) Conversavamos, eu e D. Emilio, acerca do futuro do paiz, e do obstaculo, não insuperavel, que a eleição do rei pode trazer à realisacão dos nossos desejos!

D. EMILIO

Tratemos porém agora do assumpto que aqui nos traz hoje. (A D. Ramon) D. Ramon, ocupaes a presidencia, vós, que sois o mais velho. (A D. Carlos) E vós, D. Carlos, exporeis as razões que vos determinaram a convocar esta reuniao dos nossos amigos.

D. RAMON

(Occupando a presidencia) Aceito, não por vaidade; mas por condescendencia. Este logar pertence de direito ao honrado chefe do partido republicano hespanhol; que, modesto até ao extremo, nem mesmo entre os seus mais intimos e mais leaes amigos quer ser o primeiro; quando a verdade é que nenhum

de nós se lhe avantaja, nem em talento, nem em virtude, nem em dedicação!

TODOS

*Apoiado! Apoiado! (D. Emilio agradece com o gesto)*

D. CARLOS

Meus senhores, o rei está a chegar, o general Prim parte esta noite para Cartagena, a fim de o acompanhar a Madrid; é mister pois que o partido republicano tome uma deliberação definitiva ácerca do procedimento que deve adoptar no dia da coroação do italiano.

UMA VOZ

Formule a sua proposta.

D. CARLOS

(Continuando) É o que vou fazer. Eu proponho que nós todos empreguemos os esforços possíveis, para que os nossos correligionários madrilenos, sem excepção de um só, se apresentem vestidos de luto pesado no dia da chegada de Amadeu a Madrid. Creio que faremos assim uma imponente manifestação, visto que imperiosas razões partidárias obstam a que ella seja mais ruidosa e mais energica. É um protesto solemne contra a invasão ambiciosa do estrangeiro, e ao mesmo tempo um aviso ao seu espírito, que verá de certo no lucto do povo um argumento vehe-

mente contra os que por adulação, por servilismo, por vil baixesa lhe hão de dizer no paço real, que elle inspira amor áquilles que só sentem por elle profunda indifferença, se não lhe votam do intimo d'alma rancor e odio!

D. EMILIO

Approvo a idéa; mas peço para fazer uma observaçao, talvez desnecessaria. A manifestação dos republicanos deve ser digna e nobre, para ser magestosa! Envidemos toda a nossa energia, ponhamos em accão toda a nossa actividade, para que nem o italiano, nem o general que o fez rei d'Hespanha, soffram sequer um insulto! Amadeu é um principe ambicioso, talvez; mas julga acceptar legalmente a corôa, por que legalmente lh'a julgou offerecer a maioria da assembléa constituinte, no erro fatal a que a levou o seu grande respeito por Prim, e o desconhecimento dos poderes limitados que lhe conferia o seu mandato! O marquez de los Castillejos, por mais fatal que fosse para a patria a sua obsecção, ou quem sabe se a dificuldade da sua posição politica, é hespanhol e liberal, foi o mais valente caudilho da revolução de Cadix, é um cidadão benemerito, é um general aguerrido, é o heroe do Mexico, de Reus, de Castillejos, de Marrocos e de Saragoça! Que um e outro sejam pois respeitados por nós! Que Amadeu, quando o povo lhe indicar imperiosamente o caminho da sua patria, não possa accusar os republicanos d'Hespanha de uma grosseria, ou de uma crueldade! Que Prim possa ser de futuro o esteio solido da república, como tem sido.

mais de uma vez o sustentaculo valente da liberdade!  
*(Ouve-se fôra uma grande detonação.)*

TODOS

*(Erguendo-se e correndo á janella)* Que é isto?  
 Que é isto?

D. RAMON

*(À janella)* Vejo muito povo aglomerado na esquina  
 da rua do Turco... soldados e populares que cor-  
 rem para aquelle lado... e um fumo denso que é  
 de certo produzido pelos tiros que ouvimos!

### SCENA VI

Os mesmos, Izabel e depois Pablo

IZABEL

*(Da porta lateral, correndo)* Que é isto, meus se-  
 nhores? Não ouviram uma horrivel detonação? Foi de  
 certo um crime tremendo que acabou de se perpe-  
 trar!

ALGUMAS VOZES

Ouvimos! Ouvimos!

D. CARLOS

*(Na janella)* Lá corre um homem de bluze azul!...  
 Toma a direcção do Prado!

PABLO

*(Do fundo. Vem precipitadamente, e hesita vendo  
entre gente) Perdão, meus senhores... não sabia...*

D. EMILIO

*(Inquieto) Fallai! fallai! O que aconteceu.*

PABLO

Uma grande atrocidade, meus senhores!... Que também, verdade seja, elle tem feito morrer bastante desgraçados, e os senhores, quem sabe? talvez que algum dia tivessem de pagar o patau n'uma morte parecida com a que elle teve!

VOZES

Mas falla... dize... o que foi?

PABLO

Ora, o que foi? O general Prim vinha do Congresso, dirigia-se ao ministerio da guerra; vae senão quando...

IZABEL

Meu Deus! O general! Não mentiram os meus presentimentos!

PABLO

*(Continuando) Vae se não quando, o trem pára,*

por que a rua estava tomada por duas carruagens, que a obstruiam; e palavras não eram ditas, quando um dos ajudantes do marechal deita a cabeça de fera para ver o que aquillo era, uns poucos d'homens disparam áquelema roupa os seus trabucos para dentro da carruagem, e por Maria Purissima lá ficaram todos de certo com os anjinhos!

TODOS

Horror! Infamia!

IZABEL

(Desvairada) E Martinez... também ia... também morreu?

PABLO

Ei, sói lá, meninal! Eu n'ão o vi; mas se lá ia demtro.

IZABEL

(Desfalecendo) Morto... ele!... (Desmaia; mas só Pablo lhe presta socorro, porque os demais personagens estão preocupados com a notícia)

D. EMILIO

(Em tom solene e com sentimento) Meus senhores, tinhamos razões de desamor, não sei se profundo; mas queria bem crer que temporario, pelo heroe que depois de afrontar mil vezes a morte, no campo aberto da batalha, e de conquistar, para si e para a patria, immarcessiveis louros, acaba de succumbir a um tão covarde, crime! Foi nosso companheiro no exi-

lio, não chegou a comprehendêr os generosos intui-  
tos do nosso partido, opôz uma barreira de ferro ás  
nossas aspirações democraticas; mas era hespanhol e  
christão, e cumpre-nos, primeiro que tudo, enviar  
a Deus uma prece fervente pelo repouso da sua gran-  
de alma! De joelhos, amigos, e oremos! (*Joelham vo-  
dos.*—Martinez aparece ao fundo.)

## SCENA VII

Os mesmos e Martinez

MARTINEZ

(Entre a porta do fundo, maravilhado) Que vejo!...  
Todos estes homens orando! Elles!... os alcunhiados  
pedreiros livres! Elles!... os temidos hereges! El-  
les!... os republicanos!

D. RAMON

(Erguendo-se) De que te espantas, meu filho? Se-  
mos cristãos, e oramos a Deus pela alma do teu  
general, tão infamemente assassinado!

MARTINEZ

Felizmente são orações perdidas, porque o marechal  
apenas se acha levemente ferido! Mas não foi perdida  
a scena que acabo de presenciar, o spectaculo com-  
movente que vim surprehender! Bemdita a fatalidade—  
que sem produzir os resultados negros a que mira,

ra, operou a conversão espontânea de um illudido, que se deixou desvairar pela calunia atroz dos que infamemente pretendem esmagar o credito dos republicanos! (*Abraçando D. Ramon*) Accele no seu gremio um convertido!

D. CARLOS

Mas o general... não morreu?

ISABEL

(*Despertando*) Estas vozes... Estes rostos alegres... (*Vendo Martinez*) Tu... vivo!... (*Palpando-o*) Nem se quer foste ferido? (*A D. Ramon*) Perdão meu pae! (*Aos demais*) Desculpem, meus senhores! Martinez é meu noivo... e em poucos dias será meu maridê!

MARTINEZ

Socega! Não morreu ninguem! Eu estou sâo; o meu general foi levemente ferido: n'uma das mãos, pelos tiros d'aquelles miseraveis, e Nandu tambem tem um ferimento, que felizmente não é grave.

TODOS

Ainda bem! Ainda bem!

D. CARLOS

(*A si mesmo*) Não digo eu—ainda bem —porque sou medico. Receio bastante que a ferida seja mortal,

por que sei que o ferimento produzido pela arma de fogo é quasi sempre fatal; quando d' fraco é isto esq,  
como e' d'estes dias tem sido um entre os franceses  
que morreram.

D. EMILIO

Rendamos graças a Deus, por ter permitido que se frustrasse um tão negro oráculo. E que a Providência reserva ainda de certo o general Prim, para algum grandioso commetimento em favor do seu paiz!

IZABEL

E oxalá que assim seja! Oxalá que um dia chegue, em que aquelle valete militar possa comnoscer bradar: — Viva a republica!

TODOS

Viva a republica!

IZABEL

Desculpa, Martinez! O meu coração é deusse da idéa generosa e sublime de que estes bravos homens dedicados apostolos

MARTINEZ

E de que eu começo hoje o noviciado!

IZABEL

(Muito contente) Converteste-te?... Oh! é mais um presente da Providencia! Eu vol-o agradeço, meu Deus!..

D. FRAMON

É um abijo, que sente como nós santo amor pela república!

D. EMILIO

Acompanho, intimamente regosijado, as saudações angelicas da donzella innocentissima, que bem representa aqui a Santa Virgem da Democracia! Mas que o nosso entusiasmo nos não torne suspeitos de cumplicidade no crime nefando que tanto nos indignou! É mister que todos nós, em vez das projectadas manifestações de desagrado ao rei eleito, prestemos suster abnegação ao vulto gigante, que ia sendo vítima de um tão monstruoso attentado! Não feio crime só pôde ter sido perpetrado por facinoras, por miseraveis, por maus hastanheiros! Não foram de certo, não, não foram adeptos da nossa crença, religionarios convictos da nossa egreja, os que o perpetraram! Os republicanos não são covardes! Os republicanos não são vis! Os republicanos não são assassinos! As vestes alvas da democracia, a vestal que mantém o fogo sagrado da liberdade, a santa que tem por estrangalho a tole-  
rancia, a deosa que manda respeitar a vida humana, mancharam-se de sangue no Mexico, mas jámais se ennodoarão na nobre terra d'Hespanha! Amigos, protestemos todos, bem alto, contra qui tal atentado!

(Signaes de approvação.)

ISABEL

(A Martinez) — E partirás com o general?

MATINEZ

... Não; apesar de ligeiros, os ferimentos do general impedem-lhe que parta hoje.

IZABEL

Mais um favor do céu! Permitam, meus senhores, que eu vá tocar no piano o nosso hymno patriótico, aquelle hymno de Riego, que tanto nos tem enthusiasmado nos nossos saraus commemorativos dos acontecimentos gloriosos do partido republicano! (*Inclinam-se todos—Isabel sake pela porta lateral*).

D. EMILIO

E quem irá a Cartagena, em lugar de Prim?

MARTINEZ

O almirante Topete, que cedendo ás instancias de sua alteza o Regente, aceitou a presidencia do conselho de ministros, durante o impedimento do marechal Prim.

D. CARLOS

(*Admirado*) Topete!?

D. RAMON

(*Idem*)—O chefe dos unionistas?...

## D. EMILIO

*(Com gravidade)* O hespanhol honrado, que em presença do perigo da patria sacrificia á idéa primordial da sua crença, os compromissos particulares de um corrilho! Um republicano não devia, não podia, sem deshonra, entregar a Amadeu o sceptro hespanhol; mas um montpensierista pôde, sem quebra de dignidade, sental-o no throno d'Hespanha! Que mais larga idéa traduz Antonio de Orleans do que Amadeu de Saboia? Não representam um e outro o principio monarchico? Não são estrangeiros um e outro? Não ambicionavam ambos a córda d'Hespanha? É nobre o procedimento do almirante! Queria um rei, e por isso respeitando os votos dos seus cor-  
religionarios monarchicos, cobrirá amanhã o principe contra o qual hontem votou! Nós é que não podemos cobrir nem um nem outro; supposto que temhamos o indeclinavel dever de respeitar ambos! Nós é que não podemos senão, no campo legal que a constituição nos oferece, ou no campo leal que as circunstancias nos traçarem, velar pela conservação das liberdades que conquistámos, e propugnar pelo larguissimo desenvolvimento d'ellas! É honroso o nosso posto! E' sublime a nossa missão! E' de esperança o nosso futuro! Se nem o duque de Aoste, nem o duque de Montpensier representam para nós o anjo do bem, fadado por Deus para tornar a Hespanha feliz, cumpre-nos evangelisar a republica, e mesmo batalhar por ella, para que a nossa patria possa breve proclamar o codigo politico, em que reside de certo o principio da regeneração dos povos! Firmes sem-

